

Conceptualização metafórica de uma expressão formulaica e mobilização de frame

Metaphor's conceptualization of a formulaic
expression and frame mobilization

Nathália Luiz de Freitas

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – IFSULDEMINAS/Brasil

RESUMO

Nesse estudo, discutimos como ocorre a conceptualização metafórica de uma expressão formulaica por diferentes indivíduos com base na mobilização de frame. A partir das respostas desses falantes a um protocolo de expressões metafóricas, ponderamos sobre o papel da figuratividade na criação e preservação da idiomaticidade de expressões formulaicas metafóricas. Verificamos que: i) a expressão idiomática interpretada pelos dois participantes da pesquisa mobiliza um único frame, embora saliente diferentes elementos dele; e ii) aspectos relativos à saliência, pertinência e relevância parecem estar fortemente associados à conceptualização metafórica.

PALAVRAS-CHAVE: Conceptualização metafórica. Frame. Expressões formulaicas.

ABSTRACT

In this study, we discuss how the metaphorical conceptualization of a formulaic expression occurs by different individuals based on frame mobilization. From the responses of these speakers to a protocol of metaphorical expressions, we should consider the role of figurativeness in the creation and preservation of the idiomatycity of metaphorical formulaic expressions. We verified that: i) the idiomatic expression interpreted by the two participants of the research mobilizes a single frame, although it emphasizes different elements of it; and ii) aspects related to salience, relevance

* Sobre a autora ver páginas 67-68

and relevance seem to be strongly associated with metaphorical conceptualization.

KEYWORDS: *Metaphorical conceptualization. Frame. Formulaic expressions.*

1 Considerações iniciais

Neste trabalho, a proposta analítica figura como uma tentativa de, a partir de um quadro teórico-metodológico funcionalista, contribuir para a problematização de como construímos conhecimento, mais especificamente, sobre como a linguagem em conjunto a outros processos cognitivos constrói sentidos. Para tal, elegemos a Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980) aliada à perspectiva de Kovecses (2006), exposta na obra *Language, Mind, and Culture: A Practical Introduction*. Trata-se de abordagens que concebem a figuratividade, especialmente a metaforicidade, como uma das formas possíveis de procedermos à conceptualização.

Nessa perspectiva, nossa questão de base pode ser colocada nos seguintes termos: como e por que falantes de uma mesma língua, pertencentes a uma mesma cultura e participantes de uma mesma comunidade linguística atribuem diferentes sentidos e usos a uma mesma expressão formulaica? Ou seja, o fenômeno que buscamos discutir é a conceptualização metafórica de uma expressão formulaica com base na mobilização de frame.

A discussão desse fenômeno é relevante tanto para lançar luz ao entendimento das diversas variáveis que atuam no processamento da metaforicidade, como para auxiliar na compreensão das relações estabelecidas entre frames e metáforas. Além disso, essa proposta analítica pode ser útil para ponderarmos sobre o papel da figuratividade na criação e preservação da idiomatidade das expressões formulaicas metafóricas.

Para esse empreendimento, utilizamos um *corpus* composto pela transcrição de 2 trechos que compõem o estudo piloto de nossa tese que está sendo desenvolvida sobre regularidades linguísticas e conceptuais de expressões metafóricas na Doença de Alzheimer – DA – e na e afasia. Os trechos transcritos são de episódios em que duas pessoas que não estão nem sob a condição afásica e nem de DA, separadamente, buscam assinalar o que significa e em que situação é usada uma expressão formulaica constante em um protocolo.

2 A conceptualização metafórica

Mesmo que esteja longe de constituir uma perspectiva homogênea, podemos assumir que a Linguística Cognitiva reúne alguns pressupostos gerais. Entre eles estão a adoção de uma perspectiva não modular que concebe a atuação de princípios cognitivos compartilhados pela linguagem e outras

formas de ser da cognição, a interação entre a estrutura linguística e o conteúdo conceptual, bem como a corporeidade da mente (FERRARI, 2011).

Sob essa ótica, conforme aponta Soares da Silva (1997, p. 1), as estruturas linguísticas são tratadas como “manifestações de capacidades cognitivas mais gerais da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual”. Assim, a forma como conceptualizamos resulta da interação de todos esses fatores que estão, em alguma medida, entrelaçados.

Uma das possibilidades de conceptualizarmos se dá por meio da figuratividade, haja vista que, segundo asseveram Lakoff e Johnson (1980), em sua Teoria da Metáfora Conceptual, o nosso sistema conceptual seria fundamentalmente metafórico. Desse modo, considerando que não acessamos diretamente os significados das palavras – até porque os sentidos não estão nelas, mas, resultam de construções sociocognitivas –, a significação é construída mediante os diferentes tipos de relações que estabelecemos e representamos, entre as quais estão as metafóricas.

Conforme afirmam Lakoff e Johnson (1980, pp. 47-48), “a essência da metáfora é compreender e experimentar uma coisa em termos de outra”, propriedade que estaria na base do nosso sistema conceptual. Para ilustrar a sua posição, os autores discorrem sobre o conceito TEMPO É DINHEIRO, que, segundo eles, costuma ser manifestado em expressões como *Você está desperdiçando o meu tempo., Tenho investido muito tempo nela., Isso vale o seu tempo?*, entre outras. De acordo com Lakoff e Johnson, uma vez que, na cultura ocidental, agimos como se o tempo fosse um recurso valioso, tal qual o dinheiro, nós o concebemos dessa forma.

Uma característica fundamental do pensamento metafórico é a sistematicidade (LAKOFF; JOHNSON, 1980; KOVECSES, 2006). Kovecses (2006) aborda tal propriedade ao tratar do conceito metafórico A VIDA É UMA VIAGEM. Nele, “vida” é compreendida em termos de “viagem”, havendo correspondências sistemáticas entre tais conceitos, como as que são abaixo reproduzidas da análise do autor.

VIAGEM	VIDA
Viajante	pessoa levando uma vida
Movimento da viagem (em direção a um destino)	levando uma vida (com um propósito)
Destino	propósito de vida
Obstáculos (no caminho de movimento)	dificuldades (na vida)
Distância percorrida	progresso feito
Curso/caminho da viagem	a maneira/modo de vida
Escolhas sobre o caminho	escolhas na vida

Segundo Kovecses (2006), elementos particulares do domínio VIAGEM correspondem a elementos particulares do domínio VIDA, correspondências que estão na base da metáfora conceptual, ou seja, de um conjunto de mapeamentos entre domínios. A própria sistematicidade fará com que focalizemos um aspecto de determinado conceito, enquanto encobriremos outros (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Assim, na metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM, não é comum encontrarmos aspectos turísticos de uma viagem, como guias e pontos de visitação, por exemplo, no mapeamento para o conceito de vida, os quais tendem a ser, portanto, encobertos.

No interior da Linguística Cognitiva, convencionalizou-se representar tais relações entre dois domínios com a notação de A é B, que seria "a vida é uma viagem" no exemplo. O conceito a ser compreendido é apresentado primeiro como A, consistindo no domínio alvo, enquanto que o conceito usado para a sua compreensão, que figura como o domínio fonte, é inserido depois como B. O É está no meio dos dois para indicar essa relação entre os conceitos.

Kovecses (2006) assinala duas relações fundamentais entre domínio fonte e domínio alvo. A primeira é o escopo da fonte, que diz respeito ao número de domínios alvo para o qual um domínio fonte particular se aplica. A segunda consiste no alcance do domínio alvo e se refere às possibilidades de domínios fonte serem aplicados a determinados domínios alvo.

Na perspectiva da Teoria da Metáfora Conceptual, metáforas conceptuais e metáforas linguísticas não são o mesmo fenômeno, embora estejam relacionadas. Segundo pondera Kovecses (2006), os pareamentos particulares dos domínios fonte e alvo originam expressões linguísticas metafóricas, expressões linguísticas derivadas de dois domínios conceituais sendo conectados. Seguindo esse raciocínio, a expressão *um relacionamento caloroso* é um licenciamento da metáfora conceptual EMOÇÃO É CALOR.

Desde a proposição da Teoria da Metáfora Conceptual, foram elaboradas diferentes tipologias para tratar das metáforas conceptuais. A primeira delas tem como base a função cognitiva da metáfora e foi instituída por Lakoff e Johnson (1980) em sua obra seminal. De acordo com essa classificação, as metáforas podem ser: i) estruturais – em que o domínio fonte impõe alguma estrutura no alvo em virtude dos mapeamentos que caracterizam a metáfora (A VIDA É UMA VIAGEM, AMOR É FOGO; ii) ontológicas – fornecem certo status existencial ao domínio alvo, de modo que os fenômenos intangíveis se tornam "coisas" metafóricas (SER HUMANO É PLANTA, COMPORTAMENTO É SUBSTÂNCIA); e iii) orientacionais – organizam um sistema de conceitos em relação a outro e a sua maioria está relacionada à orientação espacial (DOENTE É PARA BAIXO, MORAL É PARA CIMA).

Kovecses (2006) aponta ainda classificações que consideram as metáforas conceptuais conforme o seu grau de convencionalidade, natureza e generalidade. Grady (1997) sugere a existência de metáforas primárias e metáforas complexas que compõem as complexas, uma tipificação relacionada ao suposto caráter universal da metaforicidade, bem como à participação experiencial e corpórea na sua construção.

Pesquisas relativamente mais recentes no seio da Linguística Cognitiva têm possibilitado uma série de desdobramentos da Teoria da Metáfora Conceptual. Para o que interessa especificamente a este trabalho, é importante salientar que determinadas perspectivas passaram a se preocupar com aspectos funcionais, pragmáticos, discursivos e linguísticos do uso da metáfora (Cf. CHATERIS-BLACK, 2005; CAMERON; DEIGNAN, 2006; STEEN, 2006; CAMERON, 2007, 2008; SEMINO, 2008, VEREZA, 2012, 2013; CAMERON; MASLEN, 2010, entre outros) inclinação ausente na teorização inicial de Lakoff e Johnson (1980).

Trata-se, pois, da adoção de uma visão cognitivo-discursiva (Vereza, 2010), conforme a qual as metáforas emergem da dinâmica da linguagem e do pensamento, sendo, ao mesmo tempo, conceptuais e linguísticas (CAMERON;

DEIGNAN, 2006). Em situações de interação, as metáforas são negociadas e construídas conjuntamente pelos falantes (CAMERON, 2007), de forma que, para dar conta da complexidade de tal fenômeno, além dos metaforemas, unidades de análise como a metáfora sistemática (CAMERON, 2008) – metáfora cognitiva subjacente ao discurso, situada em textos específicos, e evidenciada por marcas linguísticas metafóricas –, a metáfora situada (VEREZA, 2013) e o nicho metafórico (VEREZA, 2010) contribuiriam para a compreensão da metaforicidade textualmente tecida, com base em desdobramentos textuais de uma ou mais metáforas locais e episódicas.

Essa visão traz para os estudos sobre metáforas elementos “extras” da significação linguística, ou seja, em alguma medida, considera não apenas aspectos estritamente semânticos como sendo fundamentais à construção do sentido, mas, também processos inferenciais, implicaturas, princípios e regras conversacionais, recursos multimodais, o papel do interlocutor e a função do contexto. Trata-se de uma perspectiva que concebe a significação como sendo multissemiótica e para a qual concorrem uma série de variáveis atuantes na produção de sentidos. Se o processamento metafórico é um dos tipos de conceptualização que usamos para significar o mundo, não poderia ter uma dimensão diferente.

A seguir, trataremos da mobilização de frames, fenômeno que, enquanto categoria de análise, é de grande importância para diversas vertentes da Linguística Cognitiva e fundamental para possibilitar o entendimento de como os sentidos metafóricos são construídos, especificamente no contexto do presente trabalho.

3 A mobilização de frames

O estudo das estruturas conceituais é um dos principais interesses da Linguística Cognitiva, de modo que, em conjunto à conceptualização metafórica, os frames são categorias basilares para analisar a construção e a representação do conhecimento. Conforme assinalam Salomão e colaboradores (2013, p 9), é elementar na Linguística Cognitiva a “prioridade do estudo das estruturas conceituais, tendência presente na identificação do caráter heterogêneo e complexo das categorias cognitivas, entre as quais as categorias linguísticas, cuja instanciação enseja a manifestação de efeitos de prototipia”. Nessa perspectiva, atribuir sentido é um processo sociocognitivo complexo que opera no limiar entre determinação estrutural do sistema linguístico e indeterminação semântico-pragmática solucionada no e pelo uso. A noção de frame exerce papel fundamental em teorizações sobre significação desse tipo, já que ela possibilita que entendermos de que forma construímos – organizamos, modificamos, compartilhamos, reconhecemos, regulamos, justificamos – a experiência de conhecimento no mundo (MORATO, 2010).

A concepção de frame pressupõe que “todo processo de significação linguística constitui o enquadramento contextualizado (framing) de uma situação, que se apresenta estruturada por uma constelação de elementos que a distinguem de outras situações” (SALOMÃO et. al, 2013). Trata-se de uma noção relacionada a estruturas de expectativa, ou seja, não é algo pré-concebido e nem independente de nossas experiências socioculturais, mas, depende dos

atos de significação, logo, das práticas mediadas largamente por linguagem (MORATO, 2010)

Ao serem estruturas do conhecimento, verbalizáveis ou não, e sensíveis às diferenças idiomáticas entre as diferentes línguas, os frames são evocados a partir de um ponto de vista específico (SALOMÃO et. al, 2013). Isso significa, por exemplo, que diferentes contextos situacionais podem ser conceptualizados mobilizando frames nos quais são focalizados elementos distintos, o que tende a implicar significações com nuances variadas.

Salomão et al. (2013) chamam a atenção para o fato de que a abordagem das denominadas significações figurativas, nas quais estão incluídas as metáforas, entendem esses processos como relações semânticas verificadas entre frames. Vereza (2013) advoga pela articulação dos planos de sentido estável e emergente para a compreensão da construção metafórica no discurso, ponderando que frames online e off-line são centrais na produção da significação metafórica na linguagem em uso.

A mesma autora reconhece a importância dos frames para o processo inferencial levado a cabo no processamento metafórico. Vereza (2013) cita que Coulson (2001) assinala o fato de os frames serem utilizados na explicação da habilidade que temos para fazer inferências em situações complexas com base em pressupostos compartilhados. De acordo com Vereza, “é justamente na natureza dessas inferências, em sua articulação com os frames, que reside a grande questão que envolve a relação entre frames e a linguagem metafórica em uso” (VEREZA, 2013, pp. 113-114).

Conjugar aspectos teórico-metodológicos sobre frames com a perspectiva da Metáfora Conceptual e seus desdobramentos que se ocupam de elementos pragmáticos e interacionais pode ser profícuo para investigar a conceptualização metafórica, no contexto de expressões formulaicas. A seguir, trataremos especificamente desse tipo de construção linguística.

4 A construção do sentido em expressões formulaicas metafóricas

Ao relacionar cognitivamente entidades abstratas (TOMASELLO, 2003) e com sua natureza alicerçada na corporeidade (LAKOFF; JOHNSON, 1980), a metaforicidade recruta em sua construção e requer para sua interpretação a mobilização de processos linguísticos e conceptuais, tais como a identificação semântica de estruturas linguísticas, inferenciação, perspectivação intersubjetiva, representação da experiência, instanciação de vários tipos de conhecimento, realização de implicaturas, que levam à categorização.

A metaforicidade, desse modo, envolve a articulação de operações linguísticas e conceptuais em jogo (MOURA, 2003) na atividade comunicativa humana. Esse processo está inserido na instância do sistema conceptual socialmente compartilhado, o componente do discurso – nos níveis do pensamento e da língua, ambos como sistemas (STEEN, 2006) –, discurso organizador e estruturador da experiência (VEREZA, 2013). Com base nas posições de Leezenberg (2001) e Moura (2005), que expandem a reflexão dicotômica e contrárias as de Lakoff e Johnson (1980) quanto ao linguístico e ao conceptual, partimos do pressuposto de que categorias conceptuais são criadas por meio de metáforas, operação que influencia a estrutura conceptual

previamente existente, e que a metáfora seja derivada também de processos verbais de associações variadas.

As expressões metafóricas são asserções categoriais (GLUCKESBERG, 2001) que realizam categorizações (MOURA, 2007). No mapeamento metafórico, há a inclusão de uma entidade, o tópico (entidade da qual se fala na metáfora), em uma categoria, o veículo (expressão linguística que predica algo sobre o tópico). A interação entre tópico e veículo seria regida pela combinação de tipos semânticos que preenchem as posições desses dois elementos constituintes das expressões metafóricas, o que permitiria explicar a seleção de determinadas dimensões relevantes do tópico, enquanto outras são descartadas conforme o uso metafórico específico (MOURA, 2005). Essa seleção, de caráter linguístico-cognitivo, estaria relacionada ao grau de saliência, de ordem sociocognitiva e pragmática, em que estão envolvidas a convencionalidade, a frequência, a familiaridade e a prototipicidade (GIORA, 1997), havendo um contexto linguístico, um contexto pragmático e um contexto social para a emergência da metaforicidade.

Baseamo-nos em uma perspectiva que concebe ser a metaforicidade um fenômeno que envolve a dependência mútua entre fatores linguísticos e conceptuais (MOURA, 2005), estes oriundos de outras cognições que não somente a linguagem. Assim, o uso metafórico é regido por certos padrões linguísticos que governam a interpretação (MOURA, 2005 2007), regras e contextos pragmáticos que delimitam sua pertinência (CAZELATO, 2003; BOLDRINI, 2004; MORATO, 2008; SÉ, 2011), características intrínsecas às expressões (NUNBERG et. al., 1994), habilidades ditas extralinguísticas, tais como funções executivas, e diferentes tipos de memória.

Com relação às expressões formulaicas, consideramos os idiomáticos, expressão de interesse no presente trabalho, como sintagmas metafóricos, ou seja, os entendemos como metáfora em um sentido amplo (LAKOFF, 1997), fenômeno cuja natureza metaenunciativa convoca nossas ações reflexivas na medida em que evoca variados conhecimentos linguístico-cognitivos e socioculturais. Trata-se de um tipo de locução que possui especificidades estruturais e linguístico-cognitivas, principalmente relativas à cristalização, que demandam operações interpretativas quanto à familiaridade, convencionalidade, transparência e ambiguidade.

Expressões idiomáticas, uma vez resultantes do conhecimento de mundo incorporado ao nosso sistema conceptual (KOVECSES, 2002) predominantemente metafórico (LAKOFF; JOHNSON, 1980), são unidades sintáticas, lexicológicas e semânticas, cujas principais características consistem no significado não composicional e distribuição restrita dos elementos lexicais (GIBBS, 2007). Sua natureza formulaica caracteriza os idiomáticos como sequências de elementos em que o significado é pré-fabricado, armazenado e recuperado a partir da memória (WRAY; PERKINS, 2000).

A linguagem formulaica pode ser metafórica, como nos idiomáticos “tirar o cavalinho da chuva” e “nem que a vaca tussa”, apresentando graus diferentes de metaforicidade (KLEIBER, 2000). Formulaicos têm variados graus de cristalização (GROSS, 1982), resultantes das restrições linguístico-cognitivas e discursivas das locuções, e relacionados aos papéis exercidos por traços de familiaridade, convencionalidade, transparência e ambiguidade. Esses “estereótipos linguísticos” (AMOSSY; PIERROT, 1997), através dos quais

atuamos retórica, performativa e argumentativamente, têm o percurso sociocognitivo assegurado pela forma analógica, alusiva e figurada com que manipulamos a relação entre língua e realidade (MORATO, 2008).

5 Análise de dados

A expressão formulaica sobre a qual foi investigado o seu significado e situação de uso junto aos participantes do estudo é *procurar chifre em cabeça de cavalo*. O Dicionário de Expressões Populares confere a seguinte definição a ela: “Procurar problemas onde não existem.” Podemos acrescentar a essa definição uma potencial motivação imagética metafórica, a qual diz respeito ao fato de que cavalos são animais desprovidos de chifres, o que torna a busca um fracasso.

A seguir, identificamos a metáfora conceptual subjacente à expressão idiomática, com sua respectiva classificação quanto à função cognitiva (LAKOFF; JOHNSON, 1980), bem como os domínios fonte e alvo que compõem a conceptualização metafórica.

Quadro 1: Tipificação dos elementos conceptuais que constituem a expressão idiomática *procurar chifre em cabeça de cavalo*.

Procurar chifre em cabeça de cavalo	
AUSÊNCIA É PARTE DO CORPO DE ANIMAL	
Metáfora Conceptual Ontológica	
Domínio Alvo problemas inexistentes	Domínio Fonte chifre em cabeça de cavalo

Fonte: Elaboração própria.

Como é possível observar, somente o domínio fonte dessa metáfora conceptual possui um veículo expresso na expressão metafórica, devendo o seu domínio fonte ser inferido na situação interpretativa. Essa inferência é possível em razão da convencionalidade do uso do formulaico, que está cristalizado na cultura brasileira, e da conceptualização metafórica, cuja própria motivação está associada ao esquema imagético produzido por sua menção, que gera a ideia de incongruência.

Na sequência, são apresentados os dados relativos às interpretações feitas pelos participantes da pesquisa. Os trechos em destaque são analisados com base: na mobilização de frames para a construção do sentido metafórico, em elementos pragmáticos e em aspectos do processo de constituição figurativa, especialmente quanto ao escopo do domínio fonte na aplicação ao domínio alvo.

DADO 1

BF, 52 anos, bancário.

Investigadora: Procurar chifre em cabeça de cavalo?

BF: Já ouvi.

Investigadora: Que quer dizer?

BF: Procurar alguma coisa, tentar alguma coisa onde não existe.

Investigadora: E... quando a gente usa?

BF: Usa... é... quando alguém tá fazendo... fazendo alguma coisa... é... ou às vezes tá... como é que fala... tá desconfiado de alguma coisa e fica procurando uma coisa onde não tem nada... né.

DADO 2

RP, 65 anos, aposentada.

Investigadora: E procurar chifre em cabeça de cavalo... o que que quer dizer?

RH: Quer dizer que você tá vendo que aquilo não vai dar certo pra tua vida, um relacionamento, uma dívida... você tá procurando jeito de amanhã ou depois dar tudo errado na tua vida, então você tá procurando fazer aquilo sabendo que vai procurar é chifre na cabeça de cavalo.

Investigadora: É... e... e assim... dá um exemplo quando que a senhora fala... você tá procurando chifre em cabeça de cavalo...

RH: Você tá procurando as coisas erradas pra tua vida... não faz isso que vai dar errado... aí você tá procurando chifre na cabeça de cavalo.

A menção da expressão idiomática “procurar chifre em cabeça de cavalo” perfila, nas interpretações dos dois participantes do estudo o frame de BUSCA INDEVIDA, salientando diferentes elementos em cada um delas. Os diferentes elementos de frame focalizados na mobilização feita por BF e RH, que são FATOS INEXISTENTES e ERROS, respectivamente, indicam se tratar de um frame complexo, que, por sua vez, evidencia um modelo cultural. No quadro que se segue, buscamos descrever este frame, uma vez que ele não foi encontrado nem na base de frames brasileira, nem na norte-americana.

Quadro 2. Frame BUSCA INDEVIDA

	BUSCA INDEVIDA
Definição	Um Agente faz uma busca em uma Fonte . Essa busca não é adequada.
Elementos de frame nucleares	Agente – A pessoa que faz a busca. Fonte – O lugar onde é feita a busca.
Elementos de frame não nucleares	Tema – O que é buscado pelo Agente na Fonte. Circunstância – O estado do mundo (em um tempo e lugar particulares), que é independente da tentativa do Agente de fazer a busca. Condição – As condições sob as quais o Agente faz a busca em uma Fonte . Consequência – O fracasso ou o sucesso do Agente na busca pelo Tema na Fonte . Finalidade – O motivo pelo qual o Agente faz a busca na Fonte . Maneira – O modo como o Agente faz a busca.

Fonte: Elaboração Própria.

Assim, correspondendo a um modelo cultural típico da sociedade brasileira – o que é atestado por sua frequência em dicionários de expressões

idiomáticas, por exemplo –, a natureza da expressão formulaica “procurar chifre em cabeça de cavalo” possibilita interpretações metafóricas relativamente circunscritas ao frame BUSCA INDEVIDA. A complexidade interna desse frame, que permite o licenciamento dos seus elementos FATOS INEXISTENTES e ERROS, tende a ser o resultado da participação desse domínio em uma rede de frames, em que o modelo cultural veiculado pelo idiomático herda tanto o esquema imagético da impossibilidade de uma espécie equina ter atributos de outra bovina, quanto normas ideologizáveis, como as de conduta parcimoniosa e moralidade, diante de uma determinada ação.

O tipo de elemento de frame focalizado em cada uma das interpretações do formulaico parece estar relacionado com a atribuição da relevância à expressão, desencadeada pelas significações que podem ser implicadas do frame complexo, de acordo com a saliência contextual e interacional de cada uma delas. Assim, temos:

Quadro 3: Tipificação dos componentes de frame que constituem a expressão idiomática *procurar chifre em cabeça de cavalo*.

procurar chifre em cabeça de cavalo		
FRAME_BUSCA INDEVIDA		
	BF	RP
Expressões linguísticas	procurar alguma coisa, tentar alguma coisa onde não existe fica procurando uma coisa onde não tem nada	you tá procurando jeito de amanhã ou depois dar tudo errado na tua vida you tá procurando as coisas erradas pra tua vida... não faz isso que vai dar errado
Elementos de frame	FATOS INEXISTENTES	ERROS
Implicações Pragmáticas	Atitude irrelevante	Atitude que trará impactos negativos

Fonte: Elaboração Própria.

A saliência contextual e interacional das significações implicadas pelos elementos de frame também está associada ao escopo do domínio fonte *chifre em cabeça de cavalo*, que possibilita a sua aplicação em, pelo menos, dois domínios alvo, que são *problemas inexistentes* e *erros*. A primeira aplicação é centralmente relevante para BF e a segunda para RH. A emergência de tal saliência também é fundamental para o que estamos chamando de implicações pragmáticas, que dizem respeito a traços conceituais que são implicados nas interpretações do participante.

6 Considerações finais

Buscamos investigar o fenômeno de conceptualização metafórica de uma expressão formulaica com base na mobilização de frame. Pudemos depreender que a expressão idiomática interpretada pelos dois participantes da pesquisa mobiliza um frame, embora saliente diferentes elementos dele. Além disso, o escopo do domínio fonte parece ter sido importante para essa seleção

de diferentes elementos de frame, uma vez que o domínio fonte foi aplicado em, pelo menos, dois domínios alvo.

Assim, se considerarmos a definição da expressão idiomática conferida por um dicionário especializado, a centralidade da relevância interpretativa dos participantes está relacionada tanto a focalização de um dos elementos de frame, quanto à incidência do escopo do domínio fonte em um domínio alvo específico. Aspectos relativos à saliência, pertinência e relevância parecem estar fortemente associados à conceptualização metafórica.

É importante que outras análises sejam feitas para que as considerações ora tecidas tenham maior embasamento empírico. Além disso, é importante lembrar que o contexto protocolar em que a pesquisa foi desenvolvida tem limitações metodológicas consideráveis para o presente trabalho.

REFERÊNCIAS

- BOLDRINI, M. **As expressões formulaicas na linguagem de sujeitos afásicos: um estudo dos idiomatismos**. (Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica orientado por Edwiges Maria Morato –FAPESP), 2004.
- BOTTINI, G.; CORCORAN, R.; STERZI, R.; PAULESU, E.; SCHENONE, P.; SCARPA, P. et al. The role of the right hemisphere in the interpretation of figurative aspects of language. A positron tomography activation study. **BRAIN** 117, p. 1241-1253, 1994.
- CAMERON, L. Patterns of metaphor use in reconciliation talk. **Discourse and Society**, v. 18, n. 2, p. 197-222, 2007.
- CAMERON, L. Metaphor shifting in the dynamics of talk. In: ZANOTTO, M. S. et al. (Org.). **Confronting metaphor in use: an applied linguistic approach**. Amsterdam: John Benjamins, 2008.
- CAMERON, L.; DEIGNAN, A. The Emergence of Metaphor in Discourse. **Applied Linguistics**, v. 27, n. 4, p. 671-690, 2006.
- CHARTERIS-BLACK, Jonathan. **Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis**. Basingstoke: Palgrave, 2004.
- CAZELATO, S. E. **A interpretação de provérbios parodiados por afásicos e não afásicos**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- CAZELATO, S. E. **A interpretação de provérbios equivalentes por afásicos: um estudo enunciativo**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- GIBBS, R. W., Jr. Idioms and Formulaic Language. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (eds.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 697-725.
- GIBBS, R. W. **The poetics of mind: Figurative thought, language, and understanding**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

- GIORA, R. Understanding figurative and literal language: The graded salience hypothesis. **Cognitive linguistics**, v. 8, n. 3, p. 183-206, 1997.
- GIORA, R.; ZAIDEL, E.; SOROKER, N.; BATORI G.; KASHER, A. Differential effects of right-and left hemisphere damage on understanding sarcasm and metaphor. **Metaphor and Symbol**, v. 15, p. 63-83, 2002.
- GLUCKSBERG, S. **Understanding figurative language: from metaphors to idioms**. Oxford: OxfordPress, 2001.
- GRADY, J. Primary Metaphors as Inputs to Conceptual Integration. **Journal of Pragmatics**, v.37, p.1595-1614, 2005.
- GROSS, M. Une classification des phrases “figées” du français. **Revue Québécoise de Linguistique**, Montréal: UQAM, v. 11, n. 2, p. 151-185, 1982.
- KLEIBER, G. **Sur les sens des proverbs**. Langages, v. 139, p. 39-58, 2000.
- KOVECSES, Z. **Metaphor: a practical introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- KOVECSES, Z. **Language, Mind, and Culture: A Practical Introduction**, Oxford: Oxford University Press, 2006.
- LAKOFF, G. Les universaux de la pensée métaphorique: variations dans l’expression linguistique. In: FUCHS, C.; ROBERT, S. (Ed.). **Diversité des langues et représentations cognitives**. Paris: Ophrys, 1997.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought**. New York: Basic Books, 1999.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press: 1980.
- LAKOFF, G.; TURNER, M. **More than cool reason: A field guide to poetic metaphor**. Chicago: Chicago University Press, 1989.
- LEEZENBERG, M. **Contexts of Metaphors**. The Netherlands: Elsevier, 2001.
- MORATO, E.M. A noção de frame no contexto neurolingüístico: o que ela é capaz de explicar? **Cadernos de Letras da UFF**, v. 4, p. 93-113, 2010.
- MORATO, E. M.O estudo da metaforicidade no campoda Neurolinguística? velhas questões, novos desafios. In: MOURA, H.M.; GABRIEL, R.. (Org.). **Cognição na Linguagem**. Florianópolis: Insular, 2012.
- MORATO, E. M. O caráter sociocognitivo da metaforicidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas por pessoas com afasia e com Doença de Alzheimer. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 157-177, jan./jun. 2008.
- MOURA, H. M. M. Desfazendo dicotomias em torno da metáfora. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 179-200, jan./jun. 2008.
- MOURA, H. Relações paradigmáticas e sintagmáticasna interpretação de metáforas. **Linguagem em (Dis)curso Linguagem em (Dis)curso – LemD**, v. 7, n. 3, p. 417-452, set./dez. 2007.

- MOURA, H. M. M. **Metáfora**: das palavras aos conceitos. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 40, n. 139, p. 20-50. 2005.
- MOURA, H. M. M. Linguagem e cognição na interpretação de metáforas. **Veredas**, v. 10, p. 153-161, 2003.
- NUNBERG, G.;SAG, I. A.;WASOW, T. Idioms. **Language**, v. 70, p. 491-538, 1994.
- SALOMÃO, Maria Margarida Martins; TORRENT, Tiago Timponi; SAMPAIO, thais Fernandes. A Linguística Cognitívia encontra a Linguística Computacional: notícias do projeto FrameNET Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 55, n.1, , p. 7-34., jan./jun. 2013.
- SÉ, E.V.G. **Interpretação de provérbios por sujeitos com Doença de Alzheimer**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, 2011.
- SEMINO, E. **Metaphor in discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- SOARES DA SILVA, A. A Linguística cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, v. I, n. 1-2, 1997.
- STEEN, G. Metaphor in applied linguistics: four cognitive approaches. **D.E.L.T.A**, n. 22, p. 21-44, 2006.
- TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- VEREZA, S. C. Metáfora é que nem...: cognição e discurso na metáfora situada. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, p. 2-21, jul/dez, 2013.
- VEREZA, S. Entrelaçando frames: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 55, n. 1, 2013a, p. 108-124, 2013.
- VEREZA, S. C. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 41, p. 199-212, 2010.
- WRAY, A.; PERKINS, M.R. The functions of formulaic language: An integrated model. **Language & Communication**, v. 20, p. 1-28, 2000.

Recebido em 30 de julho de 2018.

Aprovados em 23 outubro de 2018.

Publicado em 30 de dezembro de 2018.

SOBRE A AUTORA

Nathália Luiz de Freitas é docente efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais –

IFSULDEMINAS – Campus Poços de Caldas. Doutoranda em Linguística, sub-área Neurolinguística, pela Universidade Estadual de Campinas, mestre em Letras: Estudos da Linguagem, bacharel em Estudos Linguísticos e licenciada em Língua Portuguesa, ambos pela Universidade Federal de Ouro Preto. É membro do Grupo de Pesquisa Cognição, Interação e Significação - COGITES/IEL/UNICAMP.
nathalia.freitas@ifsulde Minas.edu.br